

ECOS DE CACIA

REPRESENTANTE
Em Lisboa
Anibal Cruz
Bêco dos Clérigos, n.º 5 A
Correspondentes em Aveiro, Povoia, Paço, Vilarinho, Mataduchos, Taboeira, Esqueira, Angeja e Sarrazola.

SEMANÁRIO INDEPENDENTE E DEFENSOR DOS INTERESSES DA REGIÃO DO BAIXO VOUGA

Fundador: J. J. Nunes da Silva

Redactor principal: ANIBAL CRUZ

Depois do pão a Educação é a primeira necessidade do Homem. Darton

ASSINATURA

Ano, série de 50 números	20\$00
Semestre, série de 25 números	10\$00
Estrangeiro, ano 50 números	50\$00
Colónias	30\$00

Proprietário-Director e Administrador

José Marques Damião

O «Ecos de Cacia» é o jornal do distrito de Aveiro de maior expansão em Lisboa e Porto

Redactor e Editor

António da Costa Pinto

O «Ecos de Cacia» é o mais desenvolvido noticiário de tôdas as terras da sua região.

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS
Rua da Paz—QUINTÃ DO LOUREIRO (CACIA)

Não se aceitam originaes contra a vida particular de qualquer individuo

ECOS & NOTICIAS

JOSÉ MARQUES DAMIÃO

Encontra-se em Lisboa de amanhã em diante, com residência na rua Manuel Bernardes, 76; casa «A Fermelã», o nosso director, que vai proceder á cobrança de tôdas as assinaturas vencidas e presta a vencer-se dos nossos prezados assinantes e anunciantes, para quem e com antessedência vai o nosso reconhecimento.

ACÇÃO DE GRAÇAS

Em muitas igrejas das paróquias do País rezaram-se na última segunda-feira missas solenes em acção de graças pelo malogro do atentado de há um ano contra o sr. dr. António de Oliveira Salazar, illustre presidente do Concelho, as quais foram muito concorridas.

HORÁRIO DE TRABALHO

Fala-se ter chegado a todos os pontos do nosso distrito a fiscalização do horário de trabalho, que muito protege os infelizes trabalhadores que são vítimas da ganância de certos exploradores.

Note-se, porém, que na freguesia de Cacia essa fiscalização ainda não chegou, visto continuarem os *sobas* a explorar adultos e crianças sem respeito á lei do Estado Novo Corporativo.

POR ESGUEIRA

A Alameda 31 de Janeiro, ponto pitoresco de Esgueira que nesta quadra calmosa era bastante visitada, encontra-se em vergonhoso abandono, sem que o público ali possa passar algumas horas agradáveis.

Chamamos a atenção de quem superintende neste serviço, satisfazendo assim os nossos assinantes que nos têm escrito para pedirmos providências.

FESTAS DA RAINHA SANTA

Estão decorrendo com grande brilhantismo as tradicionais festas da Rainha Santa, na cidade de Coimbra, que este ano a concorrência de forasteiros corouo do melhor êxito.

ORIGINAIS

Pelo facto de, para o presente número se acumular na nossa redacção grande quantidade de original que se destinava ao mesmo, fomos forçados a deixar de remissa para a próxima semana algum do que pedimos desculpa aos seus autores.

A tradição e as romarias

Numa época nacionalista como esta que vamos atravassando, não acharmos justo nem de são critério, acabarem-se quasi por completo as romarias, pontos de atracção e de turismo citadino.

Se é certo que as romarias tinham certas imoralidades, certos defeitos que se nos afigura de inteira justiça pôr-se-lhes termo, não é menos certo que os povos perdem o seu rétimo tradicionalista, perdem, por assim dizer, o seu amor próprio como bons bairistas, aqueles que plejam em terras estranhas daquelas em que nasceram.

Dentro desta ordem de ideias, o comércio local perde e perdem as Companhias ferroviárias; perdem as empresas de camionagem que fazem carreiras entre as localidades mais próximas para onde se efectuam os tradicionais festejos.

Vamos, agora, passar a outros prejuizos e a outra modalidade da questão que se debate: as filarmónicas—e tantas são por este País em fóra—compostas por elementos de tôdas as classes sociais e de diferentes idades, que não vêem incentivo algum para se dedicarem á divina arte—a Música.

Pois desta forma, dentro em pouco não há uma filarmónica ou banda civil, porque ninguem trabalha nem estuda pelo «amôr á arte», como se costuma dizer, e isso contribuirá bastante para o atrazo da educação artistica tão elevada noutros tempos e tão amada pelos povos das nossas aldeias.

E isto porque, acabando as romarias ou extinguindo-se a maior parte delas, não encontramos razão plausivel para que as filarmónicas subsistam só simplesmente pelo facto de acompanharem uma procissão religiosa, despida de qualquer aspecto civico. Além disso, nas romarias ou arraiais, não tocará uma banda, mas sim cinco ou seis, acarretando com elas milhares de pessoas de famílias e amigos, fomentando por consequência mais comércio e mais vida ás localidades

em festa, e muito principalmente no centro e norte do País, onde as romarias tomam mais vulto pelo seu entusiasmo e alegria, foram sempre uma fonte de receita importante na vida da Nação.

E quantos componentes dos grupos musicais esperam por esta quadra do ano para satisfazerem os seus compromissos contraídos no inverno?

Silva Ribeiro, beirão inteligente que admiramos, escreveu há dias no semanário «Folha de Tondela», a êste propósito, o que vamos para aqui resgitar.

«... Nenhuma desculpa podem ter, todavia, os jornalistas que se arvoram em paladinos dos arraiais. Nenhuma desculpa podem ter—por que são jornalistas. Como jornalistas que são, deviam no caso sujeito—como, afinal, em todosos casos em que metem o bedêlho—reflectir um pouquinho mais e taramelar um pouco menos...»

Desde criança que acompanhamos a sua prosa, mas lamentamos não estarmos de acôrdo com os modos de vêr do sr. Silva Ribeiro. O jornalismo não é taramelar, não é meter o bedêlho... E' reproduzir o sentir dos povos; é defender interesses públicos, tal como o das romarias que são vitais e muito, mas muito do nosso povo!...

Pondo de parte a opinião do illustre beirão, preferimos expandir a opinião sensata de João da Beira-Mar, na parte do seu último artigo aqui publicado, que diz assim:

«O nosso povo parece que perdeu a alegria. Vai estando mais mazombo e taciturno, cada vez mais triste. E' mau prenúncio. A alegria é sinal de saúde e de vida.»

Portanto julgamos que a extinção das nossas romarias é anti-tradicionalista, é arrancar a Portugal a sua alma de povo alegre, a sua vida de crente e a sua alegria de povo que trabalha cantando e folga rezando.

Lisboa, Julho 1938

Joaquim Chaves.

ECOS & NOTICIAS

OS VAIDOSOS

Segundo a opinião de Amaral Frazão, a falsa modéstia também é vaidade. Os espiritos fortes e superiores também por vezes se deixam corromper pela vaidade. E', porém, uma vaidade menos perigosa, que não vexa, que não procura humilhar, diminuir os outros. E' um defeito, porém, mais desculpável e menos ruinoso

Compreende-se que os individuos que subiram á custa do seu esforço próprio, do seu estudo persistente, se envaideçam e orgulhem das posições justamente adquiridas na sociedade. São valores sociais dignos de respeito. Repugna, porém, verificar a vaidade balôfa de certos enfatuados, o ar sobranceiro de certos insignificantes elevados aos pinaros da lua por meio de mil embustes, de repugnantes sabugices, de misérias morais.

E' bem certo o que também disse Alves Mendes: «o talento sem carácter, em vez de irradiar tôdas as belezas, pode deflagrar tôdas as infâmias».

INTERDITO

Do semanário *Gazeta de Cantanhede*, transcrevemos a seguinte noticia:

«Foram interditados 3 mordomos e outras tantas mordomomas da festividade que em 6 e 7 do corrente se realizaram em Luso. Ficou igualmente interdito o regente da musica d'aquella linda estancia. Quer a musica de Luso, quer a de Pardilhó, estão impedidas de tomar parte em qualquer festa religiosa.

Está, ainda, interdito o culto na Igreja e capelas da freguesia de Luso, excepto na da Lameira. Tudo por determinação superior do Prelado.»

QUE MAIS QUEREMOS?

Já se fazia sêda de veios de pinheiro!... Reduzia-se a uma celulose e com ela se fabricavam fios com que se podiam tecer vestidos.

Depois fez-se lâ do leite!... Já se fazia dêle massa, manteiga e queijo... Agora fez-se lâ... E' uma lâ quente e forte, de que os engenheiros alemães pensam fazer um grande produto comercial...

Agora... faz-se lâ do vidro. Os fios têm a vigéssima parte da grossura dum cabelo, mas são muito mais sólidos... E' uma lâ flexivel, quente, macia, incombustivel e não apodrece...

Está-se mesmo a ver que qualquer dia, passam a fazer dos fios do bicho da seda e da lâ dos carneiros, leite para a gente beber, lenha para a gente e vidros para as nossas janelas...

RABISCOS

Expedição a Moçambique de 1916

RECORDAÇÕES DE UM
EXPEDICIONÁRIO

(excerpto)

(Continuação do número anterior)

Porém, «do mal o menos» — como diz o rifão. Se não nos é dado saborear as delícias do primeiro passeio em terras africanas e de nos transportarmos em espírito, credenciadas pelas notícias, ao seio dos nossos queridos, foi-nos facultada a alegria de nos podermos transportar ao mesmo destino através das ondas hertzianas da T. S. F. de bordo, em radiograma, por intermédio da nossa canhoneira «Beira», fundeada em S. Vicente.

Que grande alívio ao péso que nos assoberba o espírito! São bem fortes as emoções resultantes das comunicações inter-familiares. São como que uma nova directriz da nossa vida, um novo influxo que nos anima e nos impregna de um outro Eu, dando-nos a impressão de uma vida dupla!

Pela certeza de que esta notícia irá derramar alegrias, muitas alegrias, nos lares cujo destino se acha ligado ao nosso, até parece que já somos outros: andamos mais bem dispostos, mais confiantes e até... mais faladores, e se já nos encontrássemos em campanha, não duvido de que seríamos mais arrojados.

Enorme força, a moral!

A bandeirinha elucidativa do quadro envidraçado da 1.ª câmara, foi hoje, ao meio dia, espetada sobre o azul do Atlântico, à distância de 30 milhas, em latitude, da ilha mais próxima do arquipélago de Cabo Verde, Santo Antão.

Esta distância tornava infrutíferas todas as tentativas de pesquisa de sombras longínquas das montanhas pelos óculos de alcance: a terra estava longe e mais longe nos vai ficando em cada minuto de singradura.

Ao atravessarmos a linha de navegação do Rio de Janeiro, surge-nos por estibordo um vapor de carga com rumo norte. Como nos passasse muito perto, fez o sinal de boa viagem e foi então que nos invadiu, pela primeira vez, aquela alegria peculiar às grandes viagens quando há apressamentos destes em tempo normal de paz.

Celso Vilas.

Entre dois amigos

Dia 23 de Junho, ás 19 horas, tocavam na campainha...

— Terrim! Terrim!
— Edêltrudes, vê quem está à porta.
— Olá sr. Cruz. Julguei que faltava hoje.

— O sr. Almeida está?
— Sim, senhor. Faça favor de entrar. Está ali no escritório a examinar uma encomenda que veio hoje de Cacia.

— Ora viva. Como vão essas melhoras?
— Um pouco mais sencíveis, mas bem só quando eu poder ir visitar o Ferreira e dar uma volta pelo Cesteiro e Travasso. Então sim é que julgo que estarei bom.

— Oxalá que seja breve.
— Parabéns, amigo Cruz; até que vamos ter uma ponte condigna sobre o Vouga. Já a odiamos ter há muito, porque s. ex.ª o sr. Ministro das Obras Públicas, assim como o grande português, sr. Dr. Oliveira Salazar, têm sempre demonstrado boa vontade em tudo que seja em benefício da nossa querida Pátria.

— Mas, amigo Almeida, que diabo tem você aí nessa lata, que lhe absorve toda a sua atenção, mesmo da nossa conversa?
— G' meu amigo Cruz, você vai rir um bocadinho com o mistério. Estou à espera há seis meses dumas enguias e duns roubacos da Samouqueira e sabe o que acabo de receber? Veja estes bilhetes.

— Se me dá licença que os leia.
— A' vontade, amigo Cruz.
— «Sr. Almeida: O sr. Damião andava à nossa procura há seis meses, mas só agora conseguiu deitar-nos a «luva». No entanto, nós, apesar-de fritas, não deixámos conseguir o seu intento para sa-

Em LISBOA

Diz-se

Que o calor que tem havido traz o Lima consumido;

— Que por isso ele não faz reparo quando os amigos o encontram na rua do Amparo;

— Que o grupo «esgota copos» está muito fora de linha, pois que não há quem veja o nosso Vianinha;

— Que há desconfiança—e já não é a primeira—que foi visto assar sardinha na Praça da Figueira;

— Que quem não ficou contente com isso foi o Carlos de Almeida por se julgar ter para estas festas grande «geiteira»;

— Que, coitado do pobre C. Almeida, anda muito doentinho da...;

— Que o Mário de Sousa Tavares exclama em horas de alegria: «que me importa os falazares, pois não são de casa sem a minha companhia!...»;

— Que o Jacinto, como isto lhe faz confusão, fornece a algebeira com dinheiro e abala até à Quinta do Pinheiro;

— Que ele lá tem as suas razões em não ir com os «marús» e «aldrabões», pois que sósinho se bate com os «nicoláus»;

— Que o seu amigo João A. Baratu diz-lhe andar doente, mas o Jacinto não sabe se é doença ou se é lata;

— Que por isso há quem diga que vai visitar os primos a S. Cristóvão, quando afinal é encontrado às esquinas a lêr o jornal;

— Que por Sete Rios o Viana, o Mendes, o Augusto, o Gomes, o Jaime e o João devem ser sorteados por que não pode haver leião;

— Que há quem diga, e tem suas razões, a quinta não tem alojamento para tantos pretendentes a patrões;

— Que o Jacinto aconselha: em negócios de amores ninguém se meta, para que tudo vá na... sivilêta;

— Que o Guilherme Marques para que a leitaria lhe dê maior percentagem, passa o dia na cadeira de viagem;

— Que o Ricalhaço vai muito breve dar um bom passo;

— Que se isso for verdade irão a Adela alguns amigos seus cá da cidade;

— Que até um comerciante do Largo do Terreirinho, será convidado para ser o padrinho;

— Que o Chaves da Capitania está a marcar no «Ecos de Cacia»;

— Que o Abreu nem é cristão nem é judeu.

Lince.

tisfazer o desejo do seu estomago e de outros, como o do sr. Anibal Cruz que, para nossa desgraça, quando cá vem: e a panha alguma nossa companheira desgarrada em Lisboa, resolvemos, ao passar sobre o Mondego, ficar por estas paragens a gosar a estação calmosa.— Dona Enguia.»

— Já vê o Cruz que não esperava por esta.

— E' dum homem fazer não sei o quê, sr. Almeida.

— Mas o Cruz leia esta outra dos roubacos, que também é interessante.

— «Sr. Almeida: Lamento a falta que vamos fazer na vossa mesa. Mas como as nossas apetitosas comadres enguias fugiram por alturas de Coimbra, nós também demos o «piro» em Santarem e por isso desculpe-nos.—Robaco Mestre.»

— Como vê, que resposta hei-de dar ao nosso amigo Damião?...

— E' para que o amigo Almeida veja como a nossa Cacia caminha no progresso do século XX; até os peixes falam e fazem a sua partida aos homens... E com isto ouve-se cantar:

Os robacos e as enguias
Fizeram uma patuscada,
Perderam-se no caminho
E o Almeida ficou sem nada.

Lx.ª 2-7-1938

Luiz António d'Almeida

Ao correr da pena...

A nuvem por Juno!

Amigo e senhor «F. M.»:

Principio por repudiar as suas abreviaturas «V. Ex.ª».

Como eu gostaria, sr. F. M., de possuir hoje, por momentos que fosse, a inegalável faculdade que tinha o nosso maior orador sagrado que foi o grande P.ª António Vieira, em bulir qualquer assunto por ele tratado com tais rendilhados, tais ornamentos e tais missangas na sua mais pequena minudencia! Com que apurado bom-gosto o faria! Mas, contente-se com o que sair e com isso se dê por satisfeito. Vêjo com desgosto que o sr. F. M. tomou a nuvem por Juno, ou, ainda melhor, viu um cavaleiro, onde, nem sequer um cavaleiro existe! E' fantástico!

Ora diga-me: entre almas e seus condutores, não haverá a destriça católicos e protestantes? Que entre nós, por cá, também os há louvado seja Deus e em variada gama, *sabatistas ou adventistas*, ou, ainda melhor, *puros evangelistas; pentecostais* ou do *Espírito Santo* e não sei se ainda com mais alguns designativos.

E sabe o sr. F. M. a quem me dirigia nesse humilde escrito, para vir assim, tão inopinada quão destrambelhada sair-me ao caminho, sim, sair-me ao caminho... jornalístico com uma autentica emboscada... literária?... um ardil?

Sim, (um ardil). Ora é com um tal ardil — à mistura com alguns bocados da lingua latina — isso era forçoso, — que o sr. pretende — dado o caso de tais alfarrábios muito propriamente só interessarem a sacerdotes — apanharmos em falso, em grande e retumbante — para si — caso de ignorância em tal materia por minha parte! E' um perfeito ardil, vir o sr. F. M. com os tais *quatro pontos famosos*. E talvez esses tais quatro pontos sejam materia dogmática, isto é, que não admitem discussão, que são aquilo e só aquilo e mais nada. E olhe que neste ponto, talvez me não engane. Agora, neste caso, *quem se enganou* foi o sr. F. M., por se tratar de um caso que se prende com PROTESTANTISMO e não com catolicismo. Repito: há destriça. Mas vamos ao caso.

Tenho um amigo que toda Cacia conhece, pois me antecedeu no aperfeiçoamento intelectual e artístico da mocidade masculina caciense. Esse homem tem a infelicidade — para ele bem grande — de a espôsa sêr protestante; como êle é tolerante, isto é, dá inteira liberdade de consciencia a todos, inclusivê à própria espôsa, para que a sua própria consciencia também seja respeitada pelos outros, eis que nisso reside o seu mal-estar familiar, pois a espôsa abusou das liberdades concedidas, e a vida no seu lar passou a ser... um inferno... para ambos. Não

se leve isto para o campo da honra; é mulher honesta. Um inferno que o obrigou a sair do continente, para, temporariamente, conseguir a paz que cá não tinha e melhorar também a sua situação monetária. Dizia êle, que, só estava bem quando não estava ao pé da mulher — quando, mesmo assim, êle era (sei-o muito bem) — amicissimo dela a-pesar-de tudo. Isto em resultado do pastor d'almas protestante não se importar de não recomendar ás ovelhas confiadas á sua guarda, a tal coisa do *sal a mais, ou sal a menos*. Sinceridade na crença, sim, mas também amorosidade na familia, que é o que ela não linha e ninguem lh'a recomendava. Eis o caso.

Mas, uma coisa agora me ocorre: então o sr. F. M. tem «trevas dum nevoeiro de dúvidas» — mas que grande escuridão!!! — na sua cabeça e sugere-me o manuseio dos tais alfarrábios? Schum!!!

Quanto á resposta aos seus FAMOSOS quatro pontos — pontos ou quesitos — (o tal ardil mefistofélico, como aqui a meu lado, está uma voz a sugerir — esses, só ao sr. e aos seus colegas é dado conhecer, pois, segundo ouvi dizer, é até materia de estudo profundo da v. parte. Por isso, tem o sr. obrigação completa de os saber, mas não a tem para m'os perguntar. Para mim sintetizam-se e concretizam-se no entanto, no seguinte: existir um ponto, um limite, uma barreira — *a boa razão* —; até aí, pode ir-se; além d'aí não se deve passar.

E pronto. Safa!? Custou, mas... até suei!!!

Quanto ao seu latim, direi como disse S. Paulo em I aos Corinthios, cap. 14 ver 9 — «Assim também vós, se com a lingua não pronunciardes palavras bem intelligíveis, como se entenderá o que se diz? porque estareis como que falando ao ar».

E mais adiante, cap. 14 ver 19 — «Porém eu antes quero falar na igreja cinco palavras na minha intelligencia (aqui quer dizer lingua) para que possa também instruir os outros, do que dez mil palavras em lingua extranha.»

E' o que o latim aproveitava ao povo, que é como quem diz: a mim também. A quem aproveita, é ao sr. F. M., pois ao menos — e já não é pouco — mostra que o sabe lêr, pois há quem *quasi não o saiba*. Para outra vez responda, quando se vir directamente — em pessoa — atingido.

Assim, sim!

Assim, sim!

Assim, sim!

Assim, sim!

Assim, sim!

Assim, sim!

Assim, sim!

Assim, sim!

Assim, sim!

Assim, sim!

Assim, sim!

Assim, sim!

Assim, sim!

Argus.

N. da R. — Em virtude desta discussão travada entre «Argus» e «Frei Manuel» se ir azedando, resolvemos, com a presente dar por finda tal polémica.

ALEGRIA DE PORTUGAL

Debruço-me a vêr a cidade. As brumas cinzentas do anoitecer começam já a ser, aqui e além, picadas de minúsculos focos luminosos. Do casario encorpecido ergue-se, vaga distante, uma grande melopeia. Ao fundo, como remate pacificador — o imenso Tejo azul, onde raros barcos, no mistério das águas, fulgem como pirlâmpas de oiro.

Lembro-me bem quando me debruçava, há muito tempo, sobre os morilhos em névoa, nasciam fantasmas. As suas rondas, porem, não eram trágicas e não amedrontavam. Pelo contrário, dir-se-ia que enchiam o ar de balados aérios e suavíssimos... E quando, no epilogo dos intermináveis crepusculos desta quadra quente, um lençol de treva densa acaba de vencer as despedidas do sol e entretinha-me a escutar as primeiras notas da grande rapsódia noturna.

A paz dos vales era acordada por dolentes canções misteriosas.

Impossível dizer donde vinham. O certo é que iam fluindo na atmosfera como se fossem doces musicas quiméricas... Um a um, os ecos alargavam as ondas espersas da harmonia. Sombras agitavam-se comandadas por vozes ignotas. E, no fim, tão sugestivas e amplas se tornavam as confidencias da noite — que chegava a convencer-se de ouvir a terra infeira a cantar...

Ontem, sobre esta Lisboa alvoroçada de Junho assisti a um prodigio semelhante. Do massiço amontoado das casas erguia-se também no ar uma longa canção feita das mil canções populares. A' distância que as ouvia, as ruas desenhavam-se como formigueiros negros ao meio das quais as foranólas festivas corriam. Dediquei-me a seguir, com os olhos atentos, as serpentes humanas, cujos aneis coloridos abraçavam e inundavam a cidade, num mar-vivo de balões de côres, oscilantes, estrelas que tivessem descido às caravanas em marcha. Alegria das ruas! Alegria da cidade de Lisboa, dêsse povo que nunca deixou de rir, de cantar e de folgar, quando os seus destinos clarearem para glorias novas.

A sua alegria de hoje, é certeza de si própria; fé na vitória, confiança no futuro. Por isso ela sobe, esplende, domina entre as muralhas e na paz dos vales, ou nestas forandolas que andam a cantar pela cidade fora.

Lx.ª 20 6-938.

Alexandre Lima.

Padaria

Aluga-se na Praia do Farol ou vende-se o respectivo alvará. Quem pretender pode dirigir-se a João dos Santos Freire — Forte da Barra — Aveiro. (4)

Carteira Elegante

ANOS

No último dia 6 do corrente completou mais um aniversário natalício a simpática menina Etelvina da Silva Valente, nossa assinante, filha querida do velho amigo e primo do nosso director, sr. Luiz Valente, de Sarrazola e residentes em Lisboa.

—Completa hoje mais uma florida primavera a menina Ivone da Conceição, interessante filha do nosso velho e prezado amigo sr. Sebastião Marques e de sua dedicada esposa sr.ª D. Georgete da Conceição, residentes em Lisboa.

—Amanhã 10 de Julho, completa 35 primaveras o nosso amigo e assinante sr. António Marques Raso, de Taboeira, conceituado industrial de padaria em Loures.

—No próximo dia 11 completa 46 aniversários natalícios o nosso assinante e bom amigo sr. António Dias Marques, de Angeja e empregado na panificação de Lisboa.

—Também no mesmo dia 11 completa 2 verdes aniversários o menino Manuel Ventura da Cunha Nogueira, filhinho do nosso assinante sr. Alfredo Nogueira e de sua esposa sr.ª D. Natália dos Santos Cunha Nogueira, residentes na capital.

—No próximo dia 12 do corrente passa o aniversário natalício da sr.ª D. Joaquina da Conceição Ferreira, dedicada esposa do nosso muito querido camarada e conterrâneo sr. José Nunes Ferreira, residente em Lisboa onde é empregado na Imprensa Nacional.

—Também no mesmo dia 12 do corrente festeja mais uma rissonha primavera a sr.ª D. Rosalina Dupont de Sousa Barbosa, bondosa esposa do prezado amigo e assinante sr. Manuel Barbosa, zeloso empregado da Casa de Lotarias do sr. José Pedro, de Lisboa.

—No dia 13 do corrente faz anos o nosso amigo sr. António Nunes Ferreira, funcionário dos Correios e Telégrafos na capital e filho do nosso colaborador José Nunes Ferreira.

—Completa mais um aniversário natalício no próximo dia 14 a sr.ª D. Ana Gonçalves Soares, estremera esposa do sr. Américo Soares da Silva, de Mataduchos.

—Também faz anos no dia 14 a menina Maria da Luz dos Prazeres Monteiro, filhinha do nosso bom amigo e assinante sr. Alípio Monteiro, considerado industrial de alfaiataria em Lisboa.

—No dia 15 do corrente também completa 18 rissonhas primaveras a simpática menina Etelvina Maia Corujo, filha querida da nossa assinante sr.ª D. Maria da Conceição Maia, de Sarrazola e residentes em Lisboa.

Com os nossos parabéns, desejamos aos aniversariantes muitas prosperidades.

ESTADAS

Acompanhado de sua estremera esposa, encontra-se em Angeja até ao dia 16 do corrente em gozo de férias, o nosso estimado amigo e assinante sr. Manuel Nunes de Carvalho, digno caixeiro da importante Companhia Portugal e Colónias na capital. Desejamos-lhes um veraneio feliz para recompensa da árdua labuta da sua profissão.

—Também se encontra em Torres Vedras, a passar uma temporada, a sr.ª D. Celeste Ruas Januário, simpática filha do nosso bom amigo e assinante sr. Daniel Januário, funcionário da Alfandega de Lisboa e dedicado patriota.

—Também vindo de Alcobaca, está no Cabeço de Cacia, passando algum tempo na companhia de sua família, o nosso assinante

sr. António Dias Pereira, sua esposa e filhos.

DOENTES

Visitámos há dias, na sua residência de Lisboa, o nosso querido e velho amigo sr. Luiz António de Almeida, estimado funcionário aposentado da Cadeia Penitenciária, que, felizmente, vai acentuando melhoras da impertinente e grave doença que o tem privado do convívio dos seus amigos. Folgamos.

—Também, vai um pouco melhor dos seus padecimentos, o sr. Rufino Candido Franco, digno funcionário dos Correios que se encontra em Torres Vedras a restabelecer-se. Fazemos votos sinceros pelo seu pronto restabelecimento.

REMOQUES

Também nos apraz registar aqui, que, ultimamente, o túnel de Angeja, que em outros tempos era uma coisa linda de se ver; um verdadeiro túnel de verdura, tem tido uma bem grande repevoação em arvores e arbustos, de forma a, daqui a alguns anos, voltar a ser aquilo que outrora foi.

Bom será continuar nessa obra meritória. Muito bem.

Há tempos, o prior de uma freguesia do nosso concelho, tendo aprazado um casamento para um domingo, a certa e determinada hora, demorou esse casamento—por causa da missa—mais meia hora, fazendo com isso, que os chauffeurs dos carros que transportavam o acompanhamento, levassem a mais que o tempo previsto, a quantia de cem escudos. Isto é autêntico. Então, não se poderia ter marcado o enlace para a hora certa depois da missa? Parece-nos que sim e era uma obra de caridade cristã ao mesmo tempo.

E' que, cem escudos não é barro! Apre!...

Seca & Meca.

IMPRESSA

«A MARIA DA FONTE»

Já foram distribuídos os números 7, 8, 9 e 10 deste interessante romance, o último dos quais pertence ao II volume, que igualmente é digno de ser lido por todos os nossos leitores. E' seu autor o avalizado escritor sr. A. Vitor Machado, e editado pelo sr. Henrique Torres, da rua de S. Bento, 279—LISBOA. Para onde devem ser feitos todos os pedidos. Agradecemos os exemplares oferecidos.

«O Ilhavense»

Tivemos o prazer de receber a visita do brilhante semanário *O Ilhavense*, dirigido pelo sr. José Pereira Teles, que saudamos e vamos estabelecer permuta.

«O Figueirense»

Mais um ano completou o bi-semanário *O Figueirense*, que o sr. dr. José Cardoso fundou na linda cidade da Figueira da Foz e actualmente é dirigido pelo nosso velho amigo sr. Joaquim Gomes de Almeida, jornalista intemerato ao serviço da Nação.

Os nossos parabéns.

Necrologia

EMÍLIA A. NUNES FERREIRA

Apenas com 50 dias de idade, acabamos de receber para nós a desolada notícia, de ter falecido no dia 18 do último mês de Junho, em Arruda dos Vinhos, a interessante menina Emília Alexandrina Nunes Ferreira, filhinha querida do nosso estimado Taboeirense, assinante e bom amigo sr. Amadeu Marques Ferreira e de sua estremera esposa sr.ª Rosa Nunes Ferreira, considerados industriais de panificação naquela vila.

O funeral da extinta criancinha, que se realizou no dia seguinte para o cemitério local daquela povoação, e foi encerrado numa rica urna de mogno, ficou depositado em jazigo de uma família amiga de seus pais.

No cortejo fúnebre incorporaram-se todas as crianças dos dois sexos pertencentes às respectivas escolas, que conduziam lindos bouquets de flores naturais, bem assim como 2 coróas com as seguintes dedicatórias:

Ultimos beijos de seus padrinhos Alexandre Lima e esposa.

Saúdades infundas de seus pais e irmão.

Sentimos e tomamos parte no desgosto que nesta data envolve toda a família do nosso íntimo amigo sr. Amadeu Marques Ferreira, a quem enviamos um saúdoso abraço de sentidos pésames.

DIONISIO VALENTE

Após um elevado número de meses que no leito esteve sofrendo horrivelmente, acaba de falecer em Cacia na sua casa da rua Conselheiro Nunes da Silva, no último dia 1 do corrente, o sr. Dionisio Valente, que contava 74 anos de idade, marido da sr.ª Maria Costa, lavradores dali.

O funeral do extinto teve lugar no dia 2 pelas 9,30 h. para o cemitério da nossa freguesia, cujo este, a-pesar-dos muitos serviços agrícolas que na época todos os habitantes desta região teem, foi muito concorrido.

Conduzio a chave da urna o sr. Manuel Lourenço (Preirinha).

O morto, que em vida fez testamento, declarou neste que o seu funeral seria católico e teria officios de corpo presente.

A toda a família em luto, o «Ecos de Cacia» apresenta os seus sentidos pésames.

ANTÓNIO L. SANTOS LIMA

Em Lisboa, na padaria do Alto Varejão, faleceu no dia 2 do corrente o sr. António Laborinho dos Santos Lima, natural de Angeja e estimado caixeiro da Companhia Industrial de Portugal e Colónias.

O acto tresloucado do saudoso extinto emocionou as pessoas que dele tiveram conhecimento, pois que António Laborinho dos Santos Lima era um cidadão digno de toda a consideração.

A seu irmão sr. Alexandre Laborinho dos Santos Lima, industrial de padaria em Alhandra, assim como a demais família enlutada, apresentamos o nosso cartão de pésames.

COTA DE PADARIAS

NOS ARREDORES DE LISBOA com boa cosedura e futuro próspero. Cede-se em boas condições por motivo de retirada para o estrangeiro.

Informa-se no Bêco dos Clérigos, 5-A (à Calçada de S. Vicente), em Lisboa. (2)

Pelo concelho de Gois

NOTÍCIAS DE AMIOSO FUNDEIRO

Realizou-se, como de costume, no passado dia 29 de Junho, a festa anual em honra de S. Pedro, a qual decorreu sempre no meio da maior animação. Houve missa cantada e sermão pelo orador sr. Rev.º Almeida. A' tarde, procissão e em seguida arraial, onde toda a gente encheu o papinho de góeo.

Subiram ao ar inumeras girandolas de foguetes e morteiros, e milhões de balões, o que fez com que ainda hoje os astros estejam um pouco turvos...

A alegria daquele dia era indeseritivel, pois até o «caréca» parecia ter mais cabelo.

Abrilhou esta importante festa a banda de música de Castanheira de Pera, cujo programa agradou a todos quantos tiveram ocasião de a ouvir, e esperamos que nos visite no próximo ano.

Houve maior animação ainda pelo facto de terem vindo de onde mourejam o pão de cada dia muitos conterrâneos nossos, a-fim-de assistirem à mesma na companhia de suas famílias. Porém, o tempo é que não ajudou os feijões verdes para que se fizessem representar nos respectivos manjares, pelo que as mulheres se encontravam um pouco aborrecidas. Elas bem se cansaram a deitar-lhes bochêchos de água na raiz, mas foi trabalho inutil por que as nuvens nunca abandonaram os astros e as formigas tomaram conta deles. Agora, que sejam mais bem sucedidas com os pepinos e com os tomates, que estão prometedores...

A respeito de gado cabreiro, parece que vamos ter um ano mau para a criação, por que cá na aldeia já não há bodes, pois tiraram-lhes o cêbo para dar nas botas a-fim-de tomarem mais brilho no dia da festa.

E assim terminou a festa sem nada haver de anormal a registar. Só na véspera é que ainda houve ralhos, mas foi só linguado, porque tratava-se de uma discussão entre duas vizinhas por causa do forno de cozer o pão. O caso foi o seguinte: Uma mulher que mora para ali para os lados do cabo, foi pedir a uma vizinha o forno emprestado para cozer o pão, mas como esta já o tivesse emprestado para outra pessoa à mesma hora que esta dele precisava, não foi preciso dizer mais nada. Vocelências estão a compreender o que deu origem à discussão que felizmente não chegou a tomar graves proporções. Mas por isso não deixou a festa de ter o brilho que se desejava. E ainda para mais satisfeitos ficamos, no dia seguinte amanheceu a chover, motivo esse que fez com que às 13 horas ainda as moçoilas exclamavam em casa do nosso amigo Manuel dos Ovais: «Tudo ao centro, rapaziada!»

O «caréca» sempre faz grandes milagres. Ao vêr que a moçoila-de tinha que deixar o bailarico para ir aguar os feijões, resolveu abrir as torneiras celestiais. Bem haja, o nosso «caréca».

Amioso Fundeiro. 4-7-938.

Manel dos Castanheiros.

VISITAS

De visita a suas famílias e com o fim de assistirem à festa de S. Pedro, nosso padroeiro, vieram de Lisboa os nossos conterrâneos srs. Manuel Joaquim Simões Júnior, estimado empregado da Carris; Manuel Henriques Ventura, Alberto Henriques David, José Antunes Conde, Américo Lima e esposa, também empregados naquela cidade.

Com o mesmo fim chegaram aqui na véspera de S. Pedro, vindos de automóvel, os srs. Guilherme Simões Dias e seus irmãos,

Noticias de Taboeira

LUZ ELECTRICA.—Conforme dissemos na última correspondência, já vai em grande aumento a construção da Cabine Eléctrica, ao centro deste lugar, na Quinta da sr.ª Condessa. Sentimos e lamentamos, a quando do lançamento da primeira pedra os srs. que superintendem nestes melhoramentos, tais como o sr. António Marques da Graça, não terem feito o convite à imprensa, de quem é íntimo amigo, para assim, pelo menos, fazerem o relato deste importante melhoramento prestes a entrar na nossa Taboeira. Pena foi não terem feito tal convite, pois que, *papa jantares* pelo menos, teria desempenhado bem a sua missão de *queichos*.

Se não fossemos nós, que por curiosidade demos essa notícia, por certo, os nossos conterrâneos que muito contribuíram para a instalação da luz electrica em Taboeira, já jamais saberiam do que se passa na sua terra.

Para outra vez, srs. dirigentes, tenham mais em atenção a imprensa, local ou não local; pois é com o auxilio desta que importantes melhoramentos se conseguem.

JULGAMENTO.—No passado dia 1 do corrente, foi julgado no Tribunal de Aveiro, por ter agredido brutalmente a menina Rosinda dos Santos Alves, o sr. Belmor; que não apresentando defesa possível para tal agressão foi condenado em 6 dias de prisão, remíveis a 10\$00, 200\$00 de imposto de justiça, 200\$00 de indemnização à queixosa e 15\$00 ao seu advogado.

Muito contribuiu para esta sentença, que foi muito bem recebida por todos os assistentes, o arguido não ter nada de seu.—C.

Noticias de Vilarinho

DOENTES.—De há duas semanas que vem passando muito encomodada de saúde a menina Maria da Anunciação Gomes da Silva, filha da sr.ª Florinda Gomes e do sr. António Dias da Silva, proprietários.

Para a doente, que tem como médico assistente o sr. dr. Tomaz d'Aquino, vai o desejo de umas prontas melhoras.

AGRESSÃO.—Em recompensa de umas palavras mais «rezadas» foi agredida brutalmente na passada semana, a sr.ª Ana Lopes da Silva, esposa do sr. António Rodrigues Barbosa, pela criada do sr. Manuel da Silva Torres, tendo aquela de ir receber curativo ao Hospital da Misericórdia de Aveiro, onde levou 8 pontos naturais na cabeça.

Lamentamos casos destes cá na nossa terra.

FALECIMENTO.—Faleceu aqui no dia 3 do corrente com 73 anos de idade, o nosso estimado conterrâneo sr. José Rodrigues da Silva, pai do também nosso amigo sr. António Rodrigues da Silva, caixeiro de padaria em Lisboa.

A toda a família em luto, os nossos sentidos pésames.

RETIRADAS.—Com destino à Vila do Paço, onde se encontra empregado na panificação, retirou-se daqui no dia 5 do corrente, após estar uns dias na companhia de sua família, o nosso amigo sr. Manuel Maria Soares.

FOOT-BALL.—No último domingo realizou-se o 2.º treino de Foot-Ball no Campo do Vouga, entre o Sport Club Vilarinhense e o Foot-Ball Club da Póvoa do Paço, ganhando este por 5-0.—C.

Armindo Simões Dias, Joaquim Simões Dias e António Simões Dias e esposa, tendo regressado à capital na passada sexta-feira.

Uma feliz viagem é o que lhes desejamos que tivessem e cá ficamos esperando por nova visita no próximo ano.

M. C.



Companhia de Seguros

A NACIONAL

Soc. An. Resp. Lim. — Capital
1:224 Contos Reservas em 1937
34:000 Contos

SEDE NA SUA PROPRIEDADE:

Av. da Liberdade, 18—LISBOA

Telegramas *Lanoican*

Telefone n.º 24784

O receptor europeu de som maravilhoso preferido por:
Sua Santidade o Papa Pio XI, Reis e grandes maestros
e cantores. **CENTRUM—RADIO**

J. Vieira & Martins

AGENTES GERAIS

R. da Torrinha, 9-11—PORTO—Telef. 7786

Lâmpadas, Condensadores, Resistências, TUDO para T.
S. F. (Importação directa) Aos melhores preços. *Reparações*
garantidas de receptores de todas as marcas.
Ampliações Sonoras para festas, bailes, conferências,
concertos, etc.—Instalação—Aluguer—Venda

O receptor americano que triunfa em todo o mundo, sem
precisar de se elogiar com frases aparatosas e muitos
adjectivos. **ANDREA—RADIO**

Empreza Industrial de Tintas, L. da

Escritório e Fábrica R. da Cascalheira, 33 — LISBOA
TELEFONE BELEM 669 — PORTUGAL
Agente no Norte do País *Guilherme M. Coelho*
RUA DA VITORIA, 56 — PORTO

Esta fábrica produz as melhores e as mais baratas tintas de
impressão em cores e preto, massas para rolos e vernizes
tipo-litográficos

Bicicletas a prestações

SEM AUMENTO DE PREÇO

12 prestações mensais e
iguais desde 55\$00

Star, Thomam, Helios, Elgin,
Raleigh, Chandler, Pneus
MICHELM.

ARMANDO CRESPO

116, R. do Crucifixo, 124 — Telef. 27027 — LISBOA

Pensão Avenida

de—BRUNO DA ROCHA

Explendidas e higiénicas quartos. Armazem de
mercearia e cereais por junto e a retalho
Largo da Estação—AVEIRO — Telef. 128

MOBÍLIAS

O maior sortido, os mais
lindos modelos, para todos
os gostos e para todos os
preços.

Officinas de mercenaria,
colchoaria estofador e repa-
rações.

T.S.F.

Novos modelos para 1938
Pilot-Rádio, o melhor receptor americano
Olympia-Rádio, uma maravilha da
técnica alemã.

Aparelhos para todas as *Ondas*
Correntes
Bolsas

Vendas a prestações com direito a prémio pela lotaria,
podendo o aparelho ficar vosso logo à primeira prestação.

Precisais comprar? **Coutinho das Mobílias**
Só no

Avenida Visconde de Salreu — ESTARREJA

Casa dos Linhos

Importadora de algodão em rama
de todas as origens

660, R. Fernandes Tomaz, 664 — PORTO
Telef. 4021 Casa fundada em 1860 Teleg. *Farlea*

Linhos nacionais e estrangeiros em todas as larguras
Atoalhados em todos os géneros
Bordados da Ilha da Madeira.

Artigos para bordar — Rendas para altares e Albas

Enviem-se amostras para a província e ilhas

Vendas por junto e a retalho

**Alipio Monteiro**

Alfaiate

Executa com perfeição todos os
trabalhos da especialidade para
militares e civis.

Preços módicos

R. dos Anjos, 80-1.º

Telef. 46057

LISBOA

PADARIAS

Amassadeiras mecânicas simples, praticas
e económicas, Dividoras, Portas para
fornos, Cilindros e todas as máquinas
para a industria de panificação.

Motores eléctricos, Bombas centrifugas,
Trasfega e de todos os sistemas
e para todos os fins.

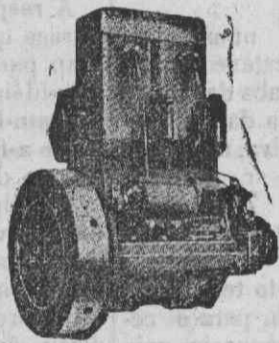
Preços e detalhes consulte o representante:

A. J. d'Almeida

R. Almirante Pessanha, 7-2.º

LISBOA—(Ao Carmo)—Telef. 26858

Vendas a pronto e a prestações
de 3, 6 e 12 meses.

**“JUNG”**O Motor Diesel — Orgulho da
mecânica AlemãSIMPLES EFICIENTE
ECONÓMICO

para:

Indústria Agricultura
Navegação.

REPRESENTANTES

Armando Pinto & Irmão

R. Santa Catarina, 17-1.º — PORTO

Teleg. Api — PORTO

Telef. 5884

E' UM DEVER

De toda a pessoa que se presa ser económi-
ca adquirir os seus tecidos de lã na:

UNIÃO DE FABRICANTES

Enviem-se amostras grátis

COVILHÃ

Descontos a revendedores

HERPETOL

Para as doenças de pele



Uma gota de HERPETOL e o seu desejo de co-
çar passou. A comichão desaparece como por encanto.
A irritação é dominada, a pele é refrescada e ali-
viada. Os alívios começaram. Medicamento por exce-
lência para todos os casos de eczema, humido ou
sêco, crostas, espinhas, erupções ou ardência na pele.
A' venda em todas as farmácias e drogarias
Vicente Ribeiro & Carvalho da Fonseca, Ltd.ª
Rua da Prata, 237 — LISBOA

CIMENTITE EVITA A HUMIDA-
DE E O SALITRE**CASA AMARO**

R. de Santos Pousada, 127 e 129—Telef. 668—PORTO

Moveis e DecoracõesDA FABRICA **Alfredo F. da Costa & Filho**

Se V. Ex.ª ainda não visitou esta casa, faça-o, porque
não perderá o seu tempo. Modelos originalíssimos, aos
mais baixos preços. Vendas directas ao público.

R. Militão Barbedo, 701—Marquez de Pombal
Telefone 2640 **PORTO**

NÃO
custa nada ser elegante

Os fatos feitos com os bons tecidos da minha
fabricação conservam até ao fim a perfei-
ção do talhe e a frescura das côres.

Peça amostras e confronte qualidades e preços.

José Tavares Serra — COVILHÃ

Está noiva?...

Não sabe onde deve comprar o seu enxoval?...
Não hesite. O nosso armazem fornecer-lhe-á, aos mais
módicos preços as melhores qualidades de panos fa-
mília para lençois. Colchas, cobertores etc.

Na impossibilidade de nos visitar, peça amostras.

Mattos & C.ª Ld.ª VILA NOVA DE GAIA**VINHO FRANCO**

(Vinho Nutritivo de Carne)

Poderoso restaurador das fôrças perdidas. Um
cálce deste vinho representa um bom bife.

FARMÁCIA FRANCO FILHOS

Rua de Belém, 18 a 22 — LISBOA

LANIFÍCIOS**Viúva de Jerónimo Matos Pintasilgo**

A casa mais conhecida em todo o país que mais barato
vende. Se lhe interessa comprar um fato, sol retudo, ga-
bardine, vestido ou casaco, peça amostras do que pre-
tende, que lhe serão enviadas na volta do correio sem dis-
pendio algum para o Ex.º cliente.

VIÚVA DE JERÓNIMO PINTASILGO — COVILHÃ

GRANDE SERRALHARIA**João Bolais Monica**

S. Bernardo (Cruz Alta) AVEIRO

Nesta casa, executa-se todos os trabalhos de ser-
ralharia, tais como: moinhos de água, vento
e gado, carros volantes, etc. etc.

Oficina de Fogo de Artifício

de—José Soares Calçada

Tarei de Souto—Vila da Feira

Nesta acreditada casa executam-se os mais artís-
ticos fogos do ar, preso, aquático e tipo japopez, etc, etc.

Armando Simões

MÉDICO

*Doenças dos Orgãos Genitais, Urinários,
Partos e Clínica Geral*

Consultas todos os dias em Aveiro, e em Cacia as con-
sultas são às terças, quintas e sábados, das 9 às 11, na
Rua Luís de Camões. Chamadas pelo telef. 195

VINHO DO PORTO**Rainha Santa**

Registado sob o número 24.840 da antiga casa:

Rodrigues Pinho

A' venda em toda a parte. — GAIA — PORTO

Muito Dinheiro

Só o tem quem jogar na
casa das sortes grandes de
José Pedro, R. do Ouro, 203
LISBOA

CASA "A FERMELA"

E' nesta casa que se vende
os melhores vinhos da nos-
sa região.

R. Manuel Bernardes, 76 - Lisboa